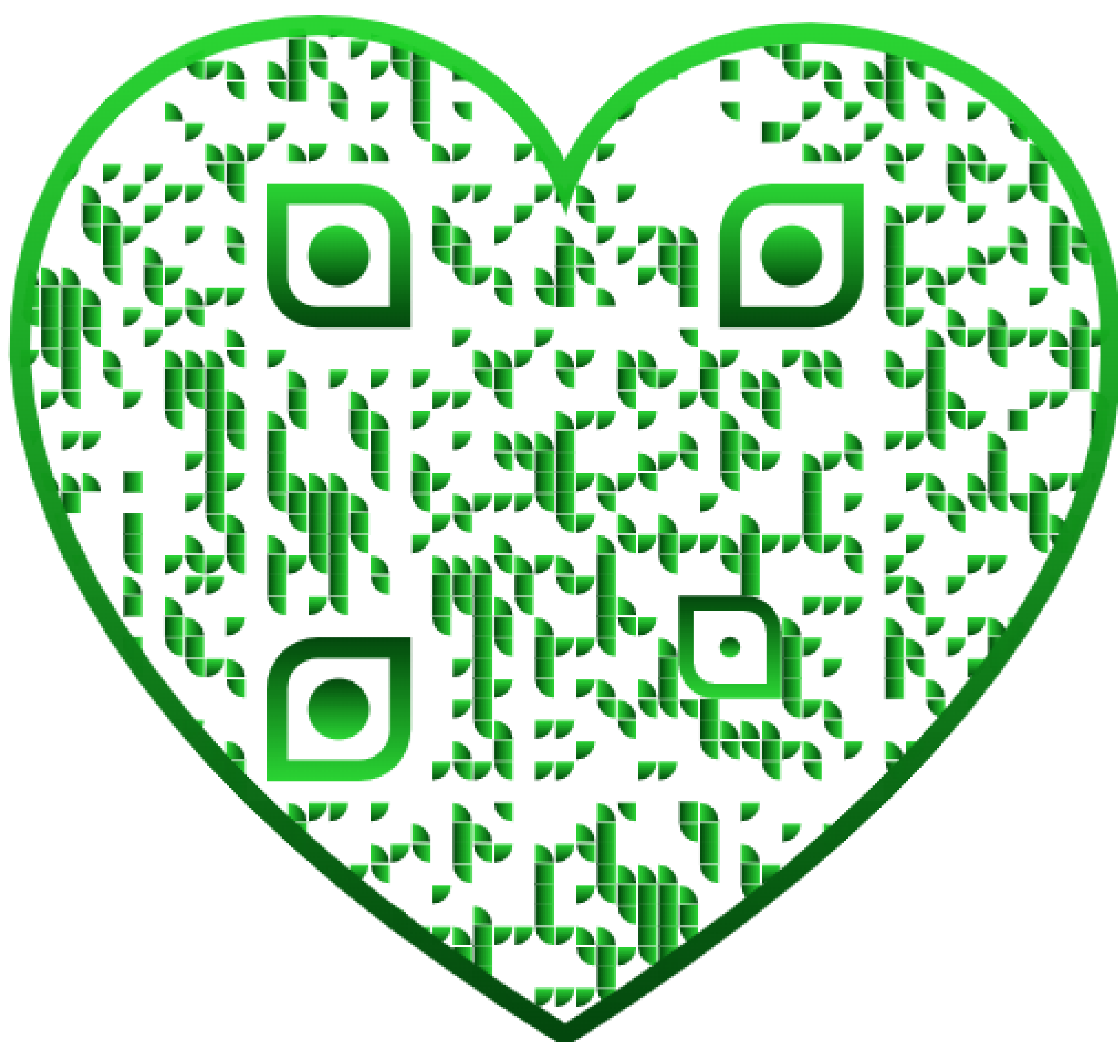
FÁBULAS
de
LA FONTAINE
Ilustradas
por
GUSTAVO DORÉ

VOLUME I

A. SOUZE

Obra selecionada
para o Programa
SALAS DE
LEITURA







FÁBULAS DE LA FONTAINE

ILUSTRADAS POR GUSTAVE DORÉ

EDITORA BRASIL-AMÉRICA (EBAL) S. A.

MultiBrasil - www.multibrasil.net



O Ilustrador Gustave Doré

DESDE seu lançamento, as Fábulas de La Fontaine chamaram a atenção do público e dos ilustradores.

Grandville ilustrou-as, vestindo os animais como se fossem homens e mulheres, dando-lhes atitudes e gestos humanos. Caricaturando-os, alterou a profunda intimidade artística que prendia os animais à terra.

Já Gustave Doré, para algumas fábulas, fez dois tipos de ilustração: numa, descreve a fábula como ela realmente é; na outra, exprime a aplicação moral do apólogo, com figuras humanas. Como bons exemplos desse segundo tipo de desenho, veja os das fábulas "A Cigarra e a Formiga" e "A Raposa e as Uvas".

Gustave Doré nasceu em Estrasburgo, na Alsácia-Lorena, em 1833. Aos onze anos, publicou suas primeiras litografias e, aos quinze, já era empregado do "Journal Pour Rire", onde fazia as ilustrações; por essa época, também, já expunha desenhos a pena nos Salons. Sua educação artística era limitada e como a procura pelos seus trabalhos fosse enorme, não lhe sobrava tempo para se aperfeiçoar na técnica do desenho. Foi um grande caricaturista, mas, depois, dedicou-se totalmente a ilustrar livros. Em 1854, surgiu "Gargantua" e "Pantagruel", de Rabelais, com gravuras suas; e isso lhe valeu a consagração. Depois, sua produção foi aumentando consideravelmente numa média de um livro em cada dois anos; "Dom Quixote de la Mancha", de Cervantes, e "O Inferno" de Dante, que são consideradas suas obras-primas; "O Purgatório" e "O Paraíso", de Dante, completando "A Divina Comédia"; "Atala", de Chateaubriand; a "Bíblia"; "Fábulas", de La Fontaine; "Paraíso Perdido", de Milton; "Idílios do Rei", de Tennyson; "Velho Marinheiro", de Coleridge; "A Lenda do Judeu Errante", com versos de Pierre Dupont; "Contos", de Perrault; e "Orlando Furioso", de Ariosto.

Doré apresentou-se, também, no Salon, com diversas pinturas: "O Saltimbanco Que Roubou Uma Criança", "Dante nos Círculos Gelados"; "Francisca de Rimini", "O Anjo de Tobias", "O Neófito", etc. Por elas, os estudiosos acham que suas qualidades de improvisação e imaginação se combinavam melhor no desenho, onde Doré se fazia valer de força, abundância, imprevisto e fantásticos jogos de luz e sombra. Algo de grotesco dava um tom inesquecível a todas as suas criações. Preferia, por instinto, os autores ferozes e violentos, os poetas do Inferno, as aventuras de capa e espada.

Anos antes de sua morte, Gustave Doré já produzira cerca de cinqüenta mil ilustrações, sendo que, no fim de sua vida, também praticou a escultura. Morreu em Paris, em 1883.



I

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

Um homem tinha
Uma galinha,
Que Juno bela,
Por desenfado,
Tinha fadado:

Vivia ela
Dentro dum covo,
E punha um ovo
De ouro luzente
Em cada um dia,
Que valeria,
Seguramente,
Dobrão e meio;

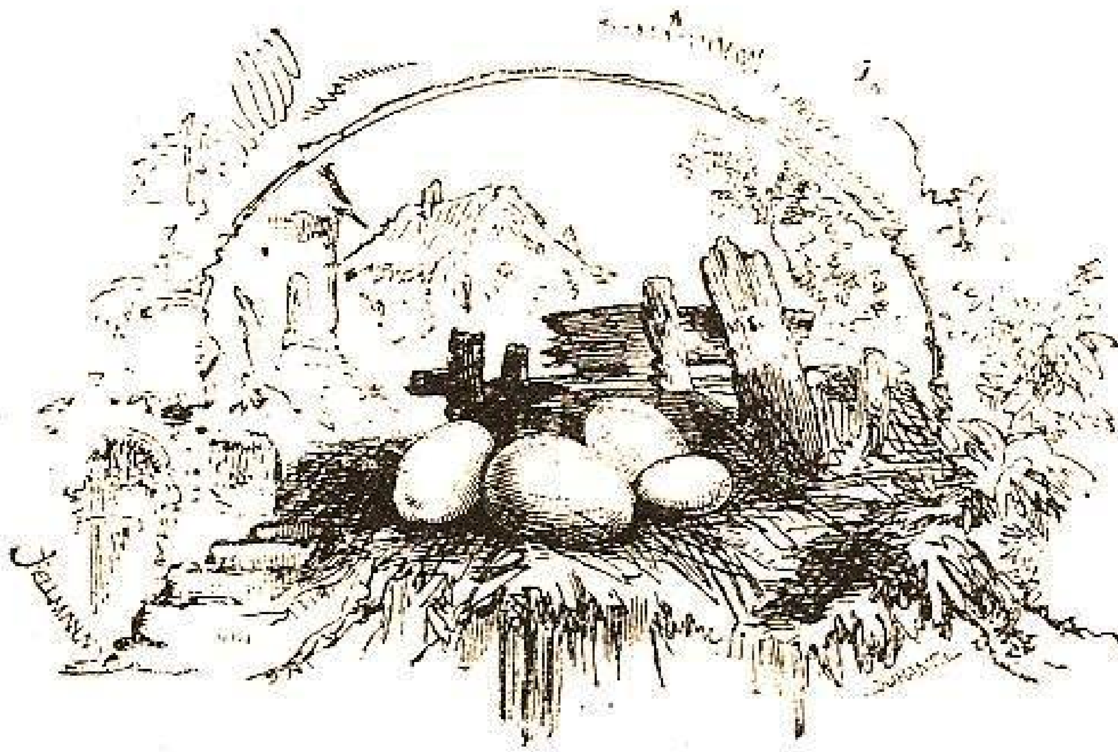
Mas o patrão,
Um dia cheio
De ímpia ambição,
Foi-se à galinha
E degolou-a.


G. Doré
GAUCHARD-BRUNIER

Examinou-a;
Porque supunha
Que em si continha
Rico tesouro,
Visto que punha
Os ovos de ouro.

Mas nada achou.
E, por avaro,
Se despojou
Do rico amparo
Que nela tinha.

Outra galinha
Jamais topou
Com tal condão.
E assim pagou
Sua ambição.





II

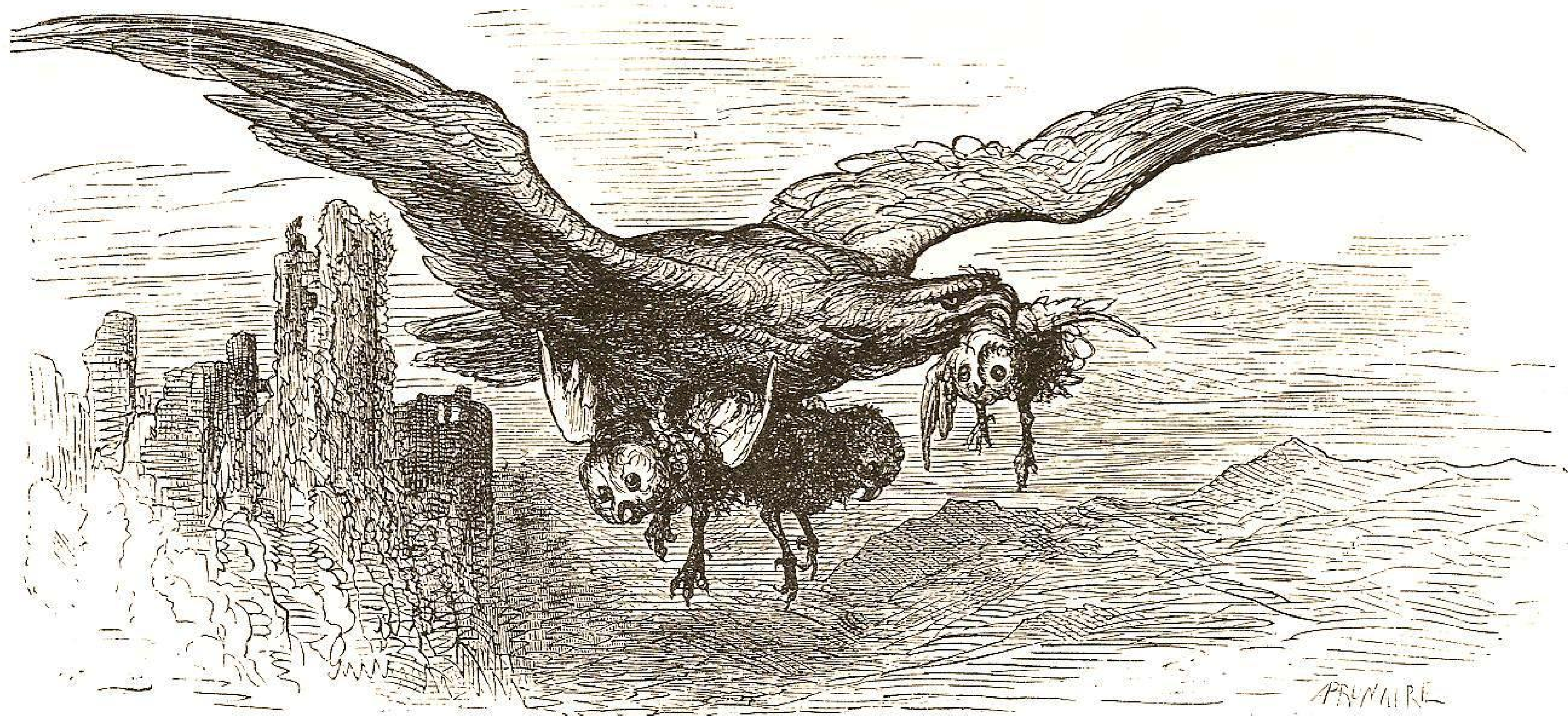
A RAPOSA E AS UVAS

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria,
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: — Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!

Eis que cai uma parra, quando
Prosseguia seu caminho,
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.


G. Doré



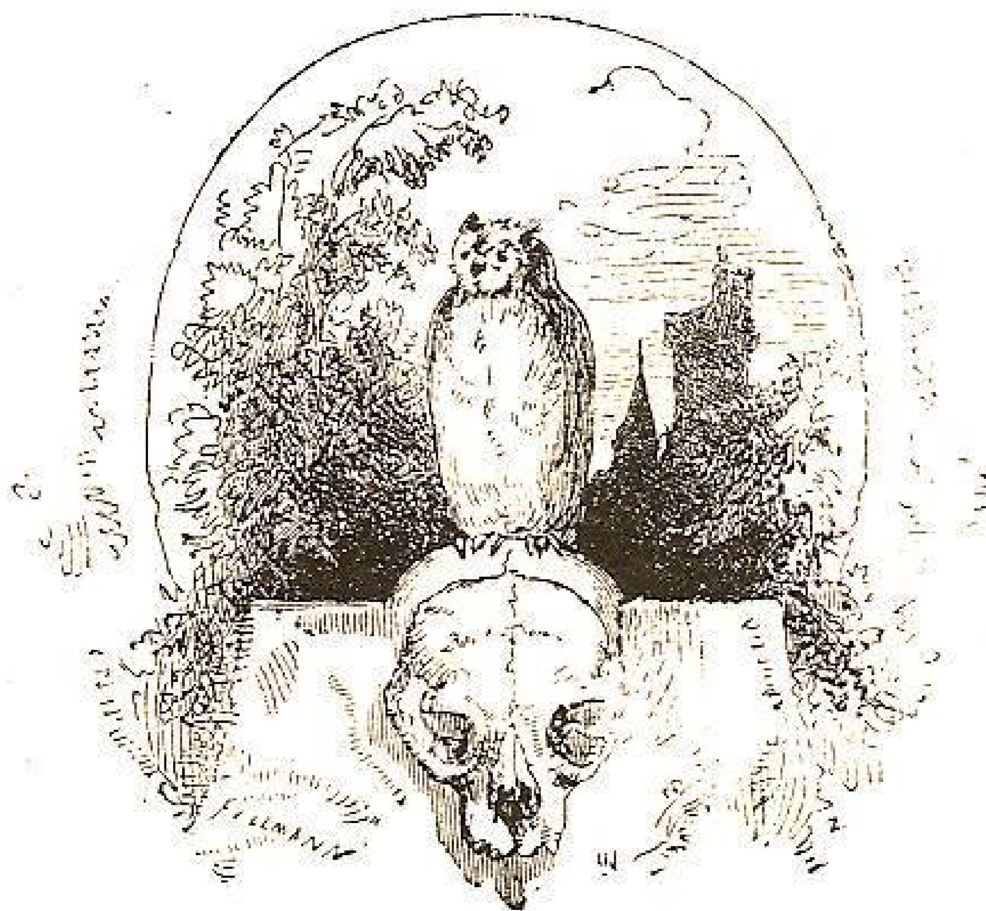
III

A ÁGUIA E O MOCHO

Um dia, a águia disse ao mocho, em ternas frases:
— O que lá vai, lá vai, é bom pormos-lhe ponto
E fazermos as pazes.
— Eu, cá por mim, estou pronto —
Respondeu ele. E os dois juraram, abraçados,
Respeitar um do outro os filhinhos amados.
— Conheceis já os meus? — *disse-lhe a ave triste.*
— Não — *respondeu a águia. E a ave da ciência*
Disse: — Tanto pior. Se nada te resiste,
Como hão de, dize lá, contar os meus filhinhos
Com a tua clemência?
Não lhes queria estar na pele, coitadinhos!
Não, não me fio em ti, porque és rainha, e os reis
Sabem agora lá para que são as leis!
Vocês fazem o mal por um capricho reles.
Filhos do meu amor! Se acaso os vês, ai deles!
— Bem. Pinta-mos então, e escusas de ter medo,
Que eu prometo aqui não lhes tocar com um dedo.
O mocho respondeu: — Aqui tens os sinais:
São muito pequenitos,


Jonnard

Mimosos como a flor, esbeltos e bonitos,
Como não achas mais;
Tão bem feitos, tão belos,
Que, por este retrato, hás de reconhecê-los.
Falta-me, agora, ver se tu és descuidada,
E me entra por aí por casa a Parca amaldiçoada.
Hão de agradar-te, sei, mas faze a vista grossa
E respeita-os por mim;
Bem sabes que sou pai e que os pais são assim.
Ai! Quem meus filhos beija a minha boca adoça!
Deus dera prole ao mocho. E, em noite desabrida
Que ele batia mato a agenciar a vida,
A águia andando a corso avista, de repente,
Nuns velhos casarões, todos esburacados,
Uns monstrozinhos tais, de voz tão repelente,
Tão mal feitos de corpo e tão desengraçados,
Que ela disse consigo:
— Não há que recear: não são do nosso amigo.
E com um gesto guapo
A rainha gentil logo os meteu no papo.
Mas vem de volta o mocho, o mocho, que imagina
Ficar ali de vez,
Ao achar, pobre pai, dos filhos só os pés!
Queixa-se, chora e pede aos deuses punição
Para ela, a assassina,
Que assim lhe veio encher de luto o coração!
— É tua a culpa — *alguém então lhe disse* — ou, antes,
É da lei que nos faz achar os semelhantes
A nós, só porque o são, amáveis, lindos, belos.
Por isso, os filhos nós perdemos, nós os pais;
Se fizeste dos teus uns elogios tais,
Como podia, dize, a águia reconhecê-los?





IV

O LOBO E O CORDEIRO

De ardente sede obrigados,
Foram ao mesmo ribeiro,
A beber das frescas águas,
Um lobo e mais um cordeiro.

O lobo pôs-se da parte
Donde o regato nascia;
O cordeiro, mais abaixo,
Na veia d'água bebia.

A fera, que desavir-se
Com a mansa rês desejava,
Num tom severo e medonho,
Desta sorte lhe falava:

— Por que motivo me turvas
A água que estou bebendo?
E o cordeirinho inocente
Assim respondeu, tremendo:


G. Doré
Jac Ettling sc.

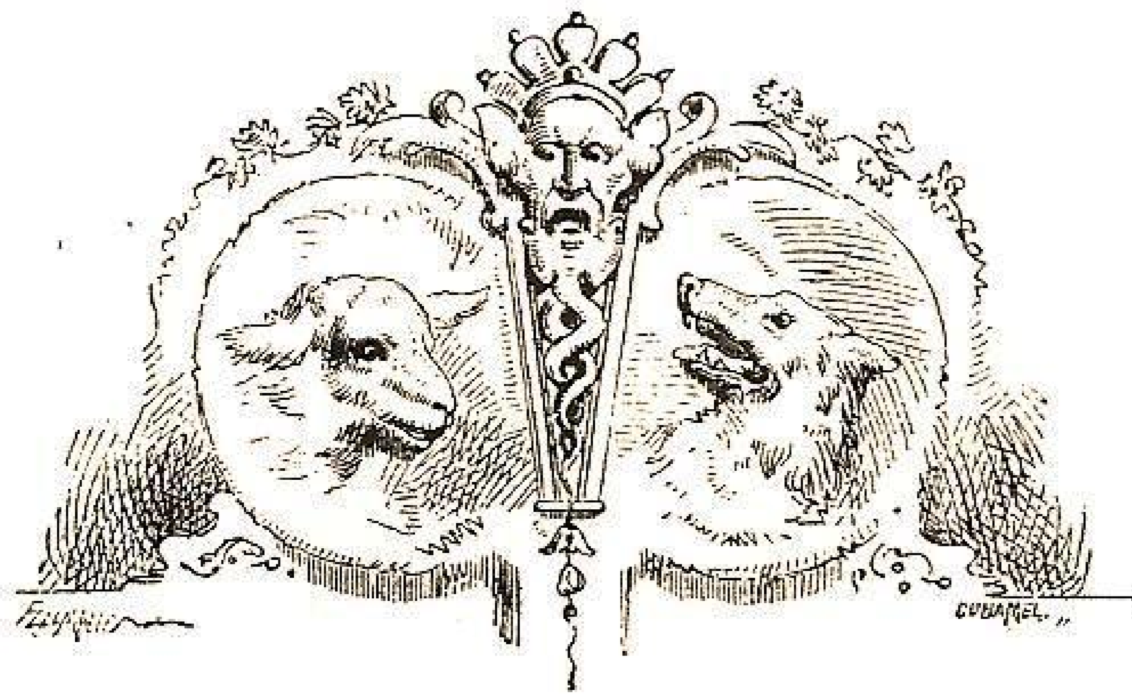
— Qual seja a razão que tenhas
De enfadar-te, não percebo!
Tu não vês que de ti corre
A mim esta água que bebo?

Rebatida da verdade,
Tornou-lhe a fera cerval:
— Aqui, haverá seis meses,
Sei de mim disseste mal.

Respondeu-lhe o cordeirinho,
De frio medo oprimido:
— Nesse tempo, certamente,
Inda eu não era nascido!

— Que importa? Se tu não foste, —
Disse o lobo carniceiro —
Foi teu pai. *E, por aleives,*
Lacera o pobre cordeiro!

Uma fábula dá brados
Contra aqueles insolentes
Que, por delitos fingidos,
Oprimem os inocentes.





V

A CIGARRA E A FORMIGA

Tendo a cigarra, em cantigas,
Folgado todo o verão,
Achou-se em penúria extrema,
Na tormentosa estação.

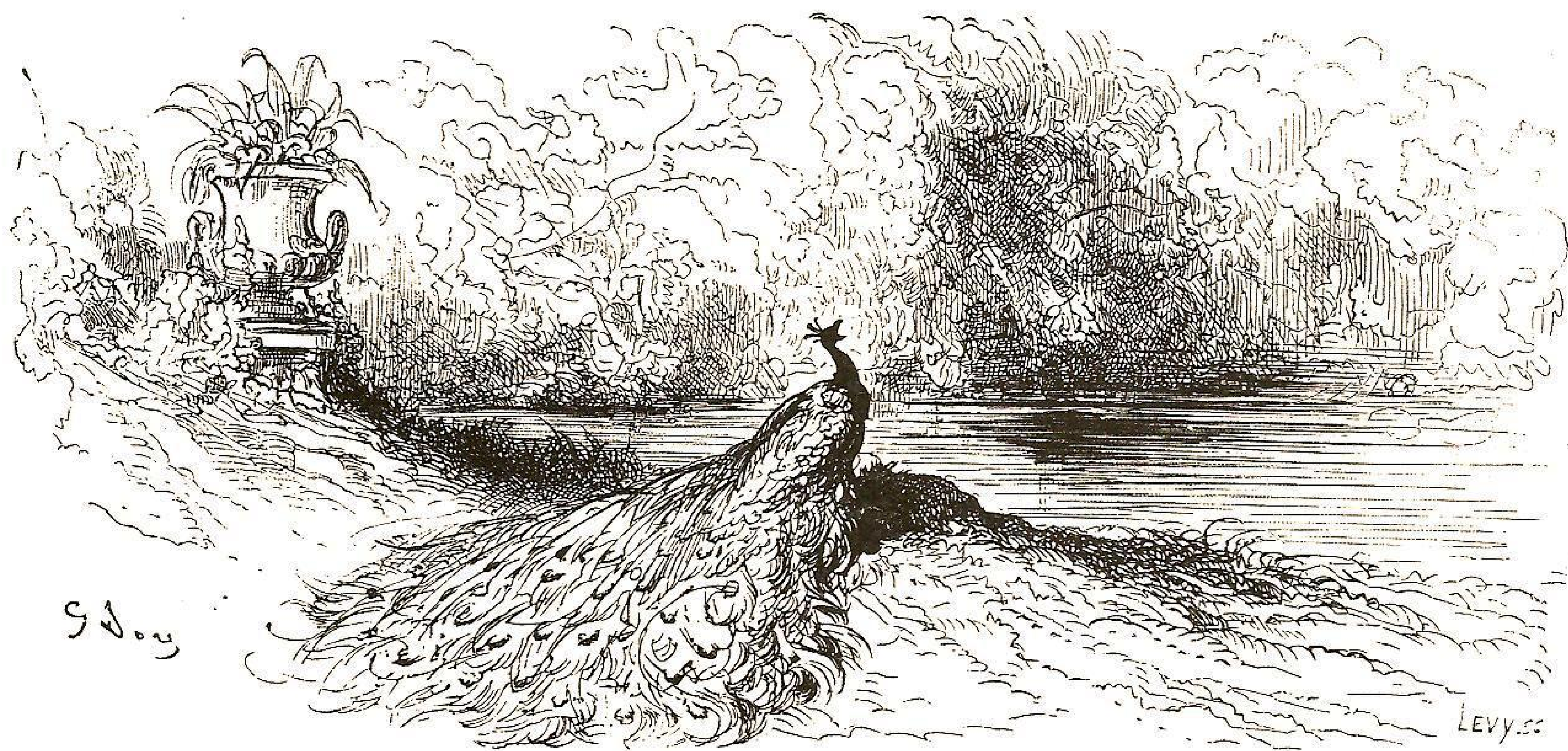
Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

— Amiga, — *diz a cigarra* —
Prometo, à fé de animal,
Pagar-vos, antes de agosto,
Os juros e o principal.

A formiga nunca empresta,
Nunca dá; por isso, junta.
— No verão, em que lidavas? —
À pedinte, ela pergunta.

Responde a outra: — Eu cantava
Noite e dia, a toda hora.
— Oh! Bravo! — *torna a formiga* —
Cantavas? Pois dança agora!





VI

O PAVÃO QUEIXANDO-SE A JUNO

A Juno, o pavão se queixa,
Dizendo: — Ó deusa celeste,
Com razão de ti murmuro,
Pela má voz que me deste.

Sou ave tua; e, se quero
Entoar os teus louvores,
Estrujo os campos em torno
Com meus guinchos troadores.

O rouxinol tão mesquinho
Deleita, se a voz levanta;
É honra da primavera;
De ouvi-lo, o mundo se encanta!

Irada, se torna Juno:
— Cala-te, néscio invejoso!
Por que desejas as vozes
Do rouxinol sonoroso?



De ricas pedras ornada
Não parece a cauda tua?
O listrão do Íris brilhante
Em teu colo não flutua?

Ave nenhuma passeia
Que tanto pareça bem;
Em si, ninguém reunir pode
Quantos dotes os mais têm.

Repartiu seus dons com todos,
A profícua Natureza;
Às águias coragem deu,
Deu aos falcões ligeireza;

Por presságio, o corvo grasna,
O mocho nas mortes pia,
A gralha males futuros
Com seu clamor pressagia.

Do que são se aprazem todos;
E se torno a ouvir queixar-te,
Dar-te-ei voz de Filomela,
Mas hei de as plumas tirar-te.

Não quis o invejoso a troca;
Que é nosso instinto invejarmos
Sempre o que os outros possuem,
Sem o que é nosso largarmos.





VII

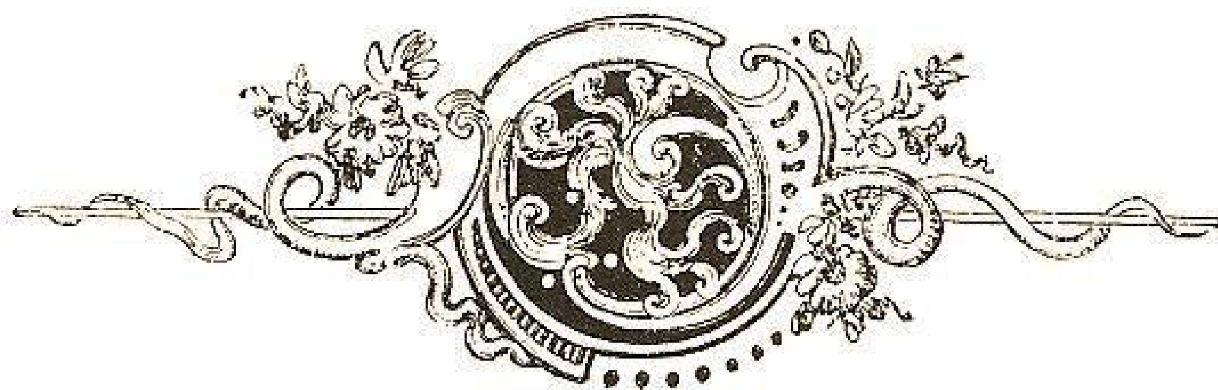
O HOMEM E A SERPENTE

Um moço encontrou
Dormente
Serpente
Que o gelo enervou.
A casa a levou,
E logo
Do fogo
Mui perto a chegou.
A vil se animou,
Que em breve
Da neve
O efeito acabou.
A cauda anelou;
Erguendo
E torcendo
O colo, silvou.
A quem a salvou
Do corte
Da morte
Matar intentou.


Gve Doré
GAUCHARD-BRUNIER sc.

O moço tomou
Pesado
Machado,
E ao meio a cortou.
A ingrata acabou
Partida:
Com a vida
Seu crime expiou.

O ter caridade
É da humanidade
Um sacro dever;
Porém não a ter
Com feras ingratas
É de almas sensatas.



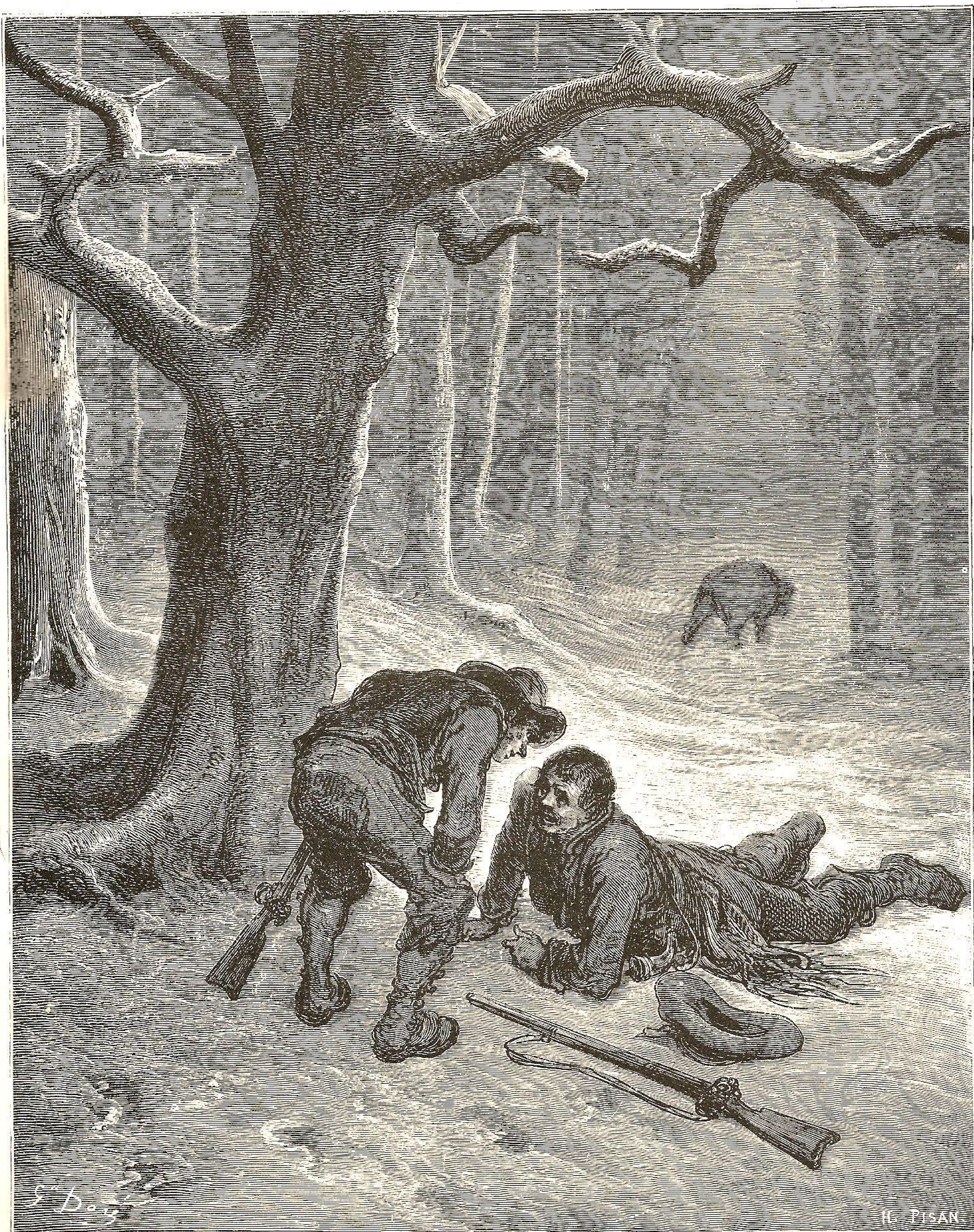


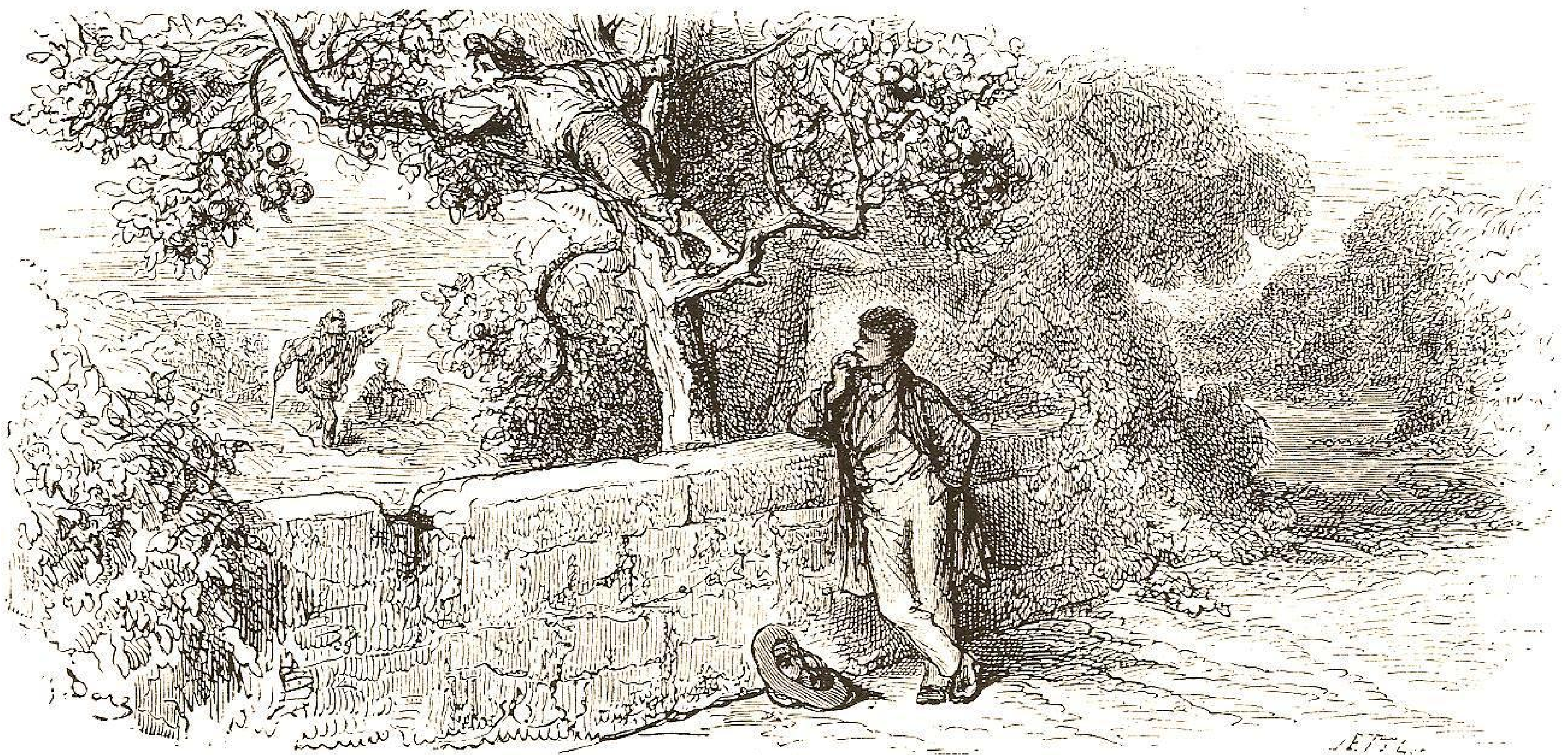
VIII

OS DOIS AMIGOS E O URSO

Um urso acometeu dois passageiros:
Um deles, que os pés tinha mais ligeiros,
Pôs-se em cima de uma árvore, escondido.
Vendo, o outro, que tinha mau partido,
Estendendo-se em terra nem bulia
Nem respirava: morto se fazia;
Cheirando-o por orelhas e por cara,
O deixa intacto a fera, e se separa.
Dizem que, se encontrou uma pessoa
Que julga estar já morta, lhe perdoa.

O da árvore, já livre do perigo,
Vindo com ar de riso ao seu amigo,
Lhe disse:
— Que segredo era o que o horrendo
Urso te estava agora aqui dizendo?
— Disse-me — *responde ele* — que, em jornadas,
Não leves semelhantes camaradas.


H. PISAN.



IX

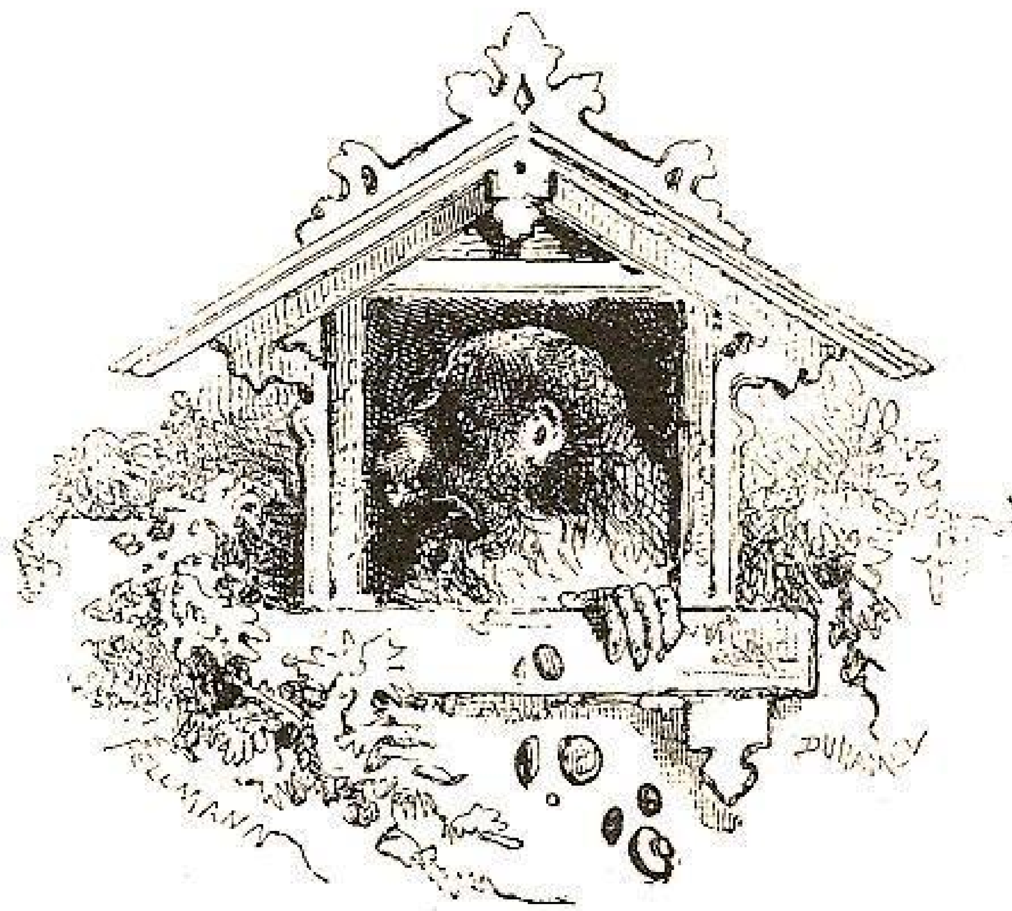
O GATO E O MACACO

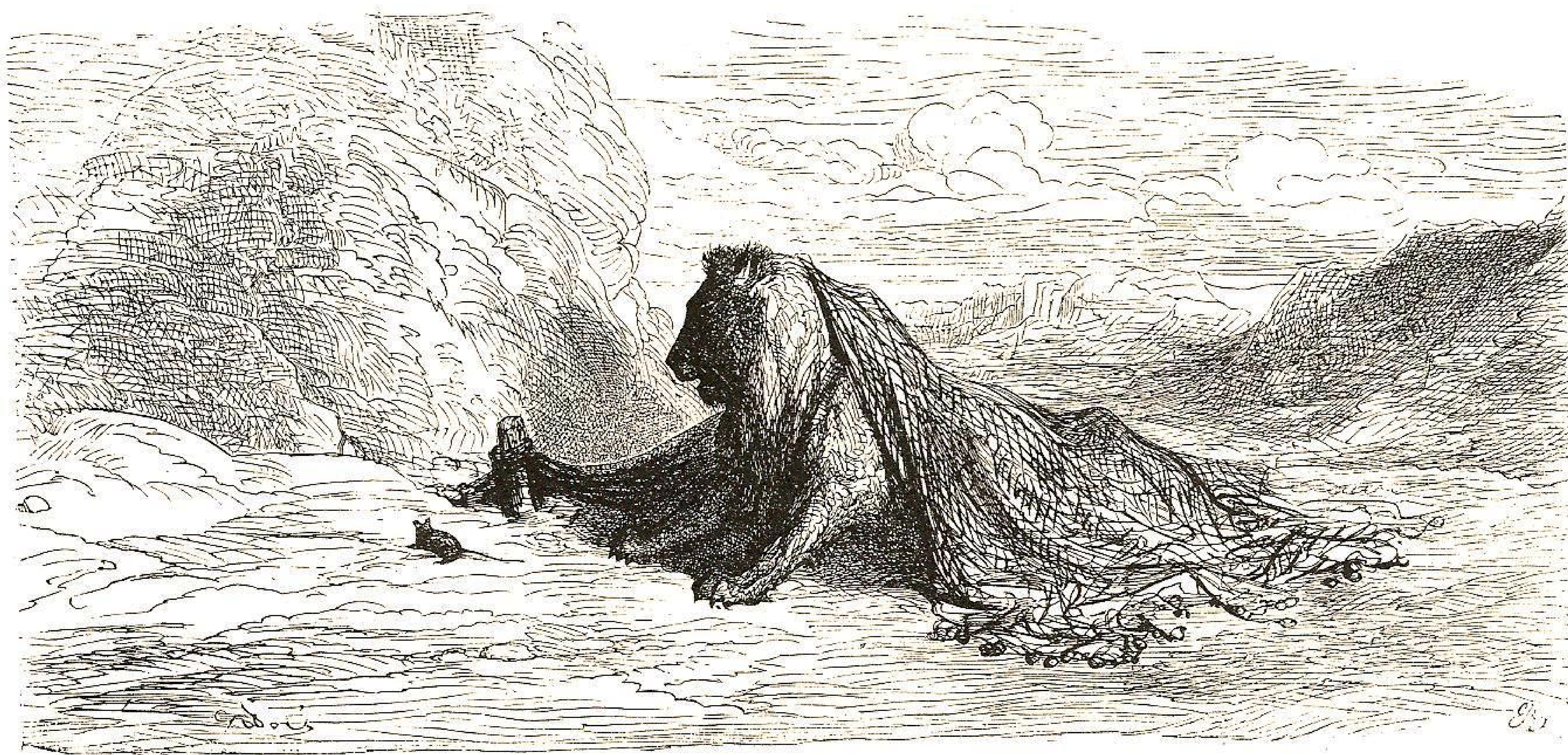
Ratão era um malandro: se era um gato!
Beltrão, outro maior, porque era mono.
Gozavam ambos um viver pacato,
Servindo com preguiça o mesmo dono.
Este par de tratantes
Tinha perdido o medo a toda a gente.
Furtavam a valer! E felizmente
Que — não sendo os criados vigilantes —
Não punham pé em casa dos estranhos.
O Beltrão, que larápio! E malfazejo.
O Ratão, esse andava atento ao queijo
E já nem se importava com murganhos.
Um dia, os dois, sentados
À lareira,
Recebendo o calor, muito chegados,
Viam assar castanhas. E pensavam,
Sentindo comichões de ladroeira:
— Quem as surripiasse! Tinha graça!
Era um belo petisco que papavam,
E pregavam por cima uma pirraça.


G. Doré

Beltrão, já com a boca muito aguada,
Pespegou no colega uma palmada
E disse-lhe, a sorrir, com muitas manhas:
— Quero admirar a tua habilidade!
        Tu dizes que és esperto,
        Que tens agilidade...
Ora vê lá se safas as castanhas!...
Não és capaz. Vamos a ver se acerto.
        É difícil, é fato,
Mas... Ah! que, se eu tivesse mãos de gato,
As castanhas saltavam cá pra fora!
        Ratão, sem mais demora,
Inchado de fumaças de quem pode,
        Com muita ligeireza
Arreda a cinza, escalda-se, sacode
Os dedos; vai com mais delicadez...
Pá! Rola uma castanha, duas, três!...
        Beltrão ria-se, vendo
Executar esta partida nova.
— Que grande ligeireza! — *E ia comendo.*
Chega a criada... Ztt! Mas, desta vez,
O hábil Ratão saiu-se mal. Que sova!

Uma observação aqui registro:
Seria muito fácil, quanto a mim,
Mudar este macaco num ministro
E transformar o gato em galopim.





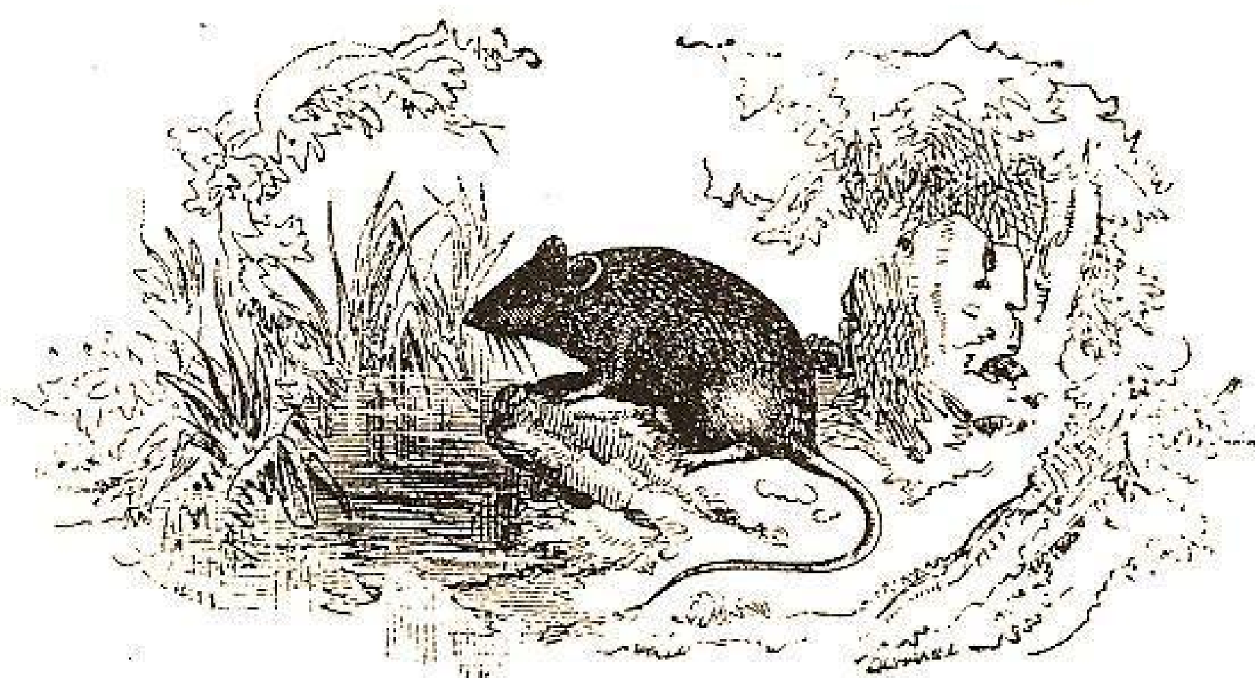
X

O LEÃO E O RATO

Saiu da toca, aturdido,
Daninho pequeno rato,
E foi cair, insensato,
Entre as garras dum leão.
Eis o monarca das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter dele piedade,
Ou por não ter fome então.
Mas essa beneficência
Foi bem paga. E quem diria
Que o rei das feras teria
Dum vil rato precisão!
Pois que uma vez indo entrando
Por uma selva frondosa,
Caiu em rede enganosa,
Sem conhecer a traição.
Rugidos, esforços, tudo
Balda sem poder fugir-lhe;


G. Doré

Mas vem o rato acudir-lhe
E entra a roer-lhe a prisão.
Rompe, com seus finos dentes,
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais também rotas são.
O seu benfeitor liberta,
Uma dívida pagando,
E, assim, à gente ensinando
De ser grato a obrigação.
Também mostra aos insofridos
Que o trabalho com paciência
Faz mais que a força, a imprudência
Dos que em fúria sempre estão.





XI

O VELHO E A MORTE

Um miserável velho se afligia
Com um feixe de lenha que trazia.
Jogou com ele ao chão, já de cansado,
E chamou pela Morte, agoniado.

Aparecendo-lhe esta, perguntava
Com que fim tão solícito a chamava.
— Rogo-te — *disse o velho, de mãos* **postas** —
Que me ajudes a pôr o feixe às costas.


Jonnard
G. Doré



XII

OS MÉDICOS

Certo médico chamado,
De alcunha, o Tanto-melhor,
Foi visitar um doente,
Do qual o Tanto-pior
Era médico assistente.

O último, sempre funesto,
Que o doente morreria
Altamente sustentava,
E o Tanto-melhor dizia
Que o pobre enfermo escapava.

Houve sobre o curativo
Mui grande contestação;
Um aplicava calmantes,
O outro armava uma questão
Em favor dos irritantes.



No fim de tanto debate,
O enfermo a vida perdeu,
E o Tanto-pior clamou:
— Vejam qual de nós venceu!
Se o meu cálculo falhou.

Tornou-lhe o Tanto-melhor,
Mostrando um vivo pesar:
— Pois eu sempre afirmarei
Que morreu por não tomar
Os remédios que indiquei.

Em quanto a mim, se os tomasse,
Morrer havia igualmente;
Mas é desgraça maior
Cair um pobre doente
Nas mãos de um Tanto-pior.





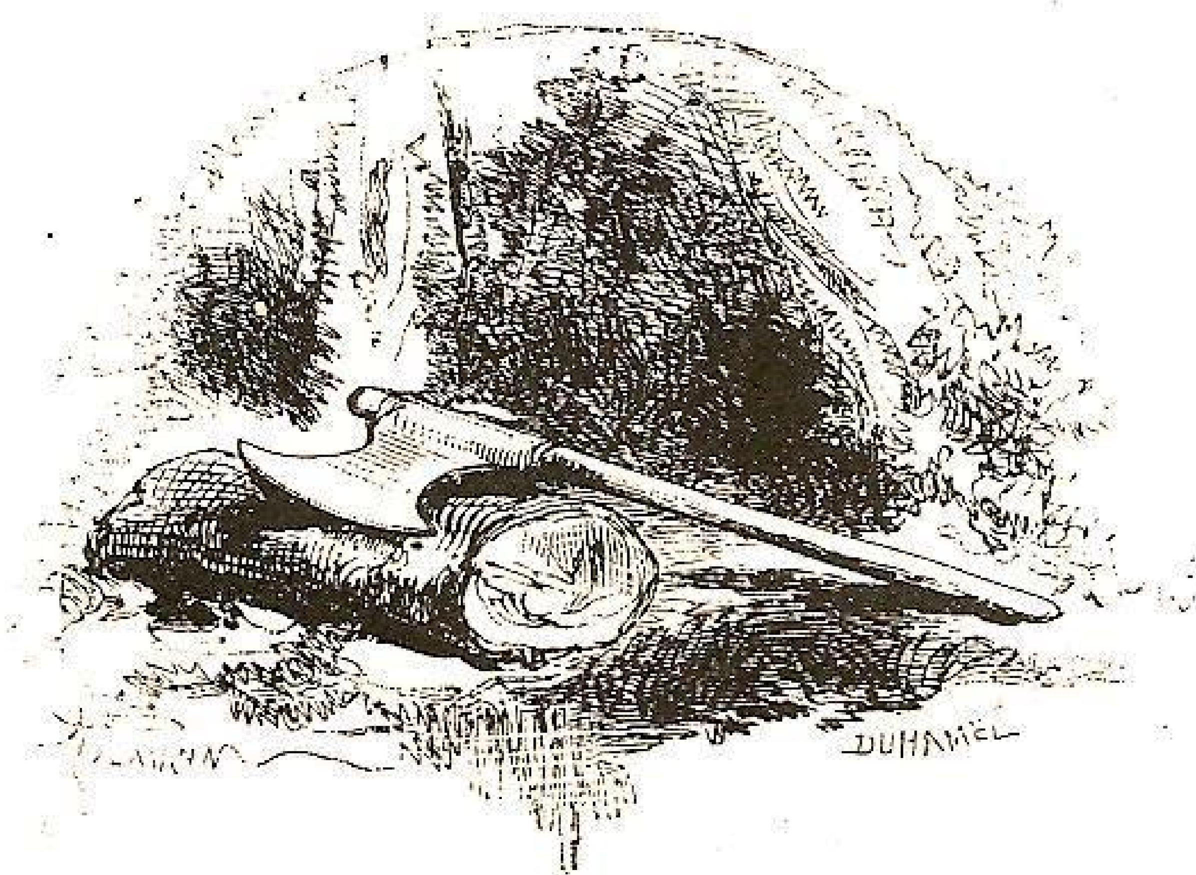
XIII

O CARVALHO E A CANA

— Teu ser bem pouco à natureza deve! —
Disse o carvalho à cana. —
O pássaro mais leve,
Se pousa sobre ti, logo te abana;
Um ligeiro soprar
Que a face encrespa do regato, apenas,
Faz-te logo vergar
E obriga-te a sofrer bem duras penas;
Enquanto eu ergo a fronte com vaidade,
Do sol detenho o raio;
Todo vento é-me um zéfiro de maio,
Para ti, todo o vento é vendaval!
Se da minha ramada
Nascesses abrigada,
Não sofrerias um tamanho mal.
O fado foi contigo muito injusto!
— A tua compaixão —
Lhe respondeu o arbusto —
Abona o teu sensível coração;
Mas tanto não te mates


Doré
Pannemaker-Doms. fc

Chorando as minhas penas:
Melhor que tu, do vento sofro embates;
Não quebro, dobro apenas.
Tens-te aguentado bem,
Tens resistido a rígidas nortadas...
Porém, atrás do tempo, tempo vem!
Tais vozes acabadas,
Bóreas em seus furores se despica;
A pobre cana dobra,
Firme o carvalho fica.
Ativa Bóreas a feroz manobra,
Faz tão cruenta guerra,
Que deita, enfim, por terra,
Quem com a fronte nos astros topetava
E no abismo as raízes ocultava!
Não consegue o seu fim na estância térrea
Quem tudo quer levar à virga-férrea;
E é de crer que bem pouco se moleste
O que se abaixa quando a onda investe.





XIV

O RATO E O ELEFANTE

Um mínimo ratinho, ao ver um elefante
Dos de vulto maior — quadrúpede gigante —
A motejar se pôs do caminhar pausado
Do famoso animal, que no dorso elevado,
Como em terceiro andar, tranqüilo conduzia,
Com sultana gentil de ilustre hierarquia,
O seu gato, o seu cão, sua velha companheira,
Um papagaio e um mono, a sua casa inteira,
Que iam de romaria.
O mísero ratinho
Pasmava ao ver o povo atento no caminho
A contemplar absorto aquela enorme massa:
— Como se o ocupar maior ou menor praça
Tirasse — *ele dizia* — ou importância desse!
Homens, que admirais vós num animal como esse?
O volume será, do corpo seu robusto,
Que infantes apavora e os faz tremer de susto?
Nem um só grão, sequer, nós nos prezamos menos
Que um elefante, nós, que somos tão pequenos!

E mais ainda o rato iria grazinando,
Se o gato, da gaiola um lesto salto dando,
Não lhe houvesse mostrado, em menos de um instante,
Que diferença vai de um rato a um elefante.


G. Doré
J. Huyot.

GLOSSÁRIO

Ao editar estas Fábulas de La Fontaine, a Editora Brasil-América aproveitou as traduções clássicas de autores portugueses, dos séculos XVIII e XIX.

A linguagem daquela época não é a mesma que utilizamos hoje em dia. Por isso, juntamos este pequeno glossário de palavras ou expressões que nos são pouco usuais. No entanto, — é necessário salientar — utilizamos apenas o significado de cada palavra ou expressão, no sentido empregado pelo tradutor.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

JUNO — Divindade mitológica, esposa de Zeus.

DESENFADO — Divertimento.

FADAR — Conceder dons excepcionais.

COVO — Cesto comprido, de vime.

DOBRÃO — Antiga moeda portuguesa, de ouro.

ÍMPIO — Quem não tem fé.

CONDÃO — Virtude especial ou poder misterioso, a que se atribui influência benéfica ou maléfica.

A ÁGUIA E O MOCHO

PÔR PONTO — Acabar.

AVE DA CIÊNCIA — O mocho.

PARCA — Cada uma das três deusas que fiavam e cortavam o fio da vida, segundo a mitologia romana.

FAZER VISTA GROSSA — Fingir não ver.

ANDAR A CORSO — Andar à caça.

O LOBO E O CORDEIRO

CERVAL — Feroz.

ALEIVE — Traição.

A CIGARRA E A FORMIGA

FOLGAR — Divertir-se.

TORMENTOSA ESTAÇÃO — O inverno.

O PAVÃO QUEIXANDO-SE A JUNO

ESTRUGIR — Fazer estrondo.

NÉSCIO — Ignorante.

PROFÍCUO — Útil.

FILOMELA — Personagem mitológica que foi transformada em rouxinol.

O HOMEM E A SERPENTE

ENERVAR — Enfraquecer.

OS DOIS AMIGOS E O URSO

ACOMETER — Atacar.

TER MAU PARTIDO — Ter poucas possibilidades.

JORNADAS — Viagem por terra.

O GATO E O MACACO

MURGANHO — Rato pequeno e acastanhado.

GALOPIM — Garoto travesso.

O LEÃO E O RATO

BALDAR — Tornar inútil.

INSOFRIDO — Impaciente.

O CARVALHO E A CANA

ZÉFIRO — Divindade grega, personificação do vento Oeste.

FADO — Destino.

NORTADA — Vento do norte.

BÓREAS — Na Mitologia, é a personificação do vento Norte.

VIRGA-FÉRREA — Grande violência.

O RATO E O ELEFANTE

MOTEJAR — Escarnecer.

GRAZINAR — Falar muito e em voz alta.

ÍNDICE

AS FÁBULAS E LA FONTAINE .... Pág. 6

GUSTAVE DORÉ .... Pág. 7

A GALINHA DOS OVOS DE OURO — *Tradução de Curvo Semedo* .... Pág. 9

A RAPOSA E AS UVAS — *Tradução de Bocage* .... Pág. 12

A ÁGUIA E O MOCHO — *Tradução de Jaime Vítor* .... Pág. 14

O LOBO E O CORDEIRO — *Tradução de Malhão* .... Pág. 17

A CIGARRA E A FORMIGA — *Tradução de Bocage* .... Pág. 20

O PAVÃO QUEIXANDO-SE A JUNO — *Tradução de Curvo Semedo* .... Pág. 22

O HOMEM E A SERPENTE — *Tradução de Curvo Semedo* .... Pág. 25

OS DOIS AMIGOS E O URSO — *Tradução de Couto Guerreiro* .... Pág. 28

O GATO E O MACACO — *Tradução de Garcia Monteiro* .... Pág. 30

O LEÃO E O RATO — *Tradução de Curvo Semedo* .... Pág. 33

O VELHO E A MORTE — *Tradução de Couto Guerreiro* .... Pág. 36

OS MÉDICOS — *Tradução de Curvo Semedo* .... Pág. 38

O CARVALHO E A CANA — *Tradução de José Inácio de Araújo* .... Pág. 41

O RATO E O ELEFANTE — *Tradução de Lopes Cardoso* .... Pág. 44

GLOSSÁRIO .... Pág. 47



Terminou-se a impressão destas "Fábulas", de La Fontaine, ilustradas por Gustave Doré, em janeiro de 1985, nas oficinas gráficas da Editora Brasil-América (EBAL) S. A., na Rua General Almério de Moura, 302-320, CEP 20921, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

MultiBrasil - www.multibrasil.net